

COMUNICAÇÃO COMUNITÁRIA: ELABORAÇÃO DE UM JORNAL COM OS ANOS INICIAIS DE UMA ESCOLA PÚBLICA

BIBIANA DE MORAES DIAS¹; BRUNA LETÍCIA DA SILVA BUENO²; ISABELA MARIA SANTOS SILVA³; MARESSA STEPHANY CARVALHO SANTOS⁴; MAYARA GOULART BRASIL⁵; LILIAN LORENZATO RODRIGUEZ⁶

¹Universidade Federal de Pelotas– bibianamdias@gmail.com

²Universidade Federal de Pelotas– bruleticiab@gmail.com

³Universidade Federal de Pelotas– isabelamariassilva@gmail.com

⁴Universidade Federal de Pelotas– maressastcarvalho@gmail.com

⁵Universidade Federal de Pelotas– mayaragbrasil@hotmail.com

⁶Universidade Federal de Pelotas– lialorenzato@gmail.com

1. APRESENTAÇÃO

O presente trabalho busca apresentar como está sendo desenvolvida a produção de um jornal quinzenal junto à Escola Municipal de Ensino Fundamental Machado de Assis - EMEF, pela bolsista de Jornalismo do Grupo de Ação e Pesquisa em Educação Popular - Programa de Educação Tutorial PET GAPE. Este projeto parte do conceito de Comunicação Comunitária e Educomunicação. A Escola Machado de Assis atende crianças dos Anos Iniciais, do Pré ao 5º ano do Ensino fundamental.

O PET GAPE é um grupo interdisciplinar formado por 12 bolsistas de cursos como diversos. Ele atua com atividades de pesquisa, ensino e extensão em escolas públicas, observando como e de que forma estas propiciam uma educação numa perspectiva popular.

O projeto do jornal é desenvolvido por uma bolsista acadêmica do Curso de Jornalismo com o objetivo de atender as demandas da comunidade escolar e assim contribuir de forma colaborativa em seu processo de comunicação. A atuação da bolsista junto à escola não tem a função de impor um produto e um processo de produção determinado, mas sim auxiliar e gerenciar a produção de um material que realmente represente as demandas da escola e sua comunidade. Um processo que considere as suas necessidades e vontades, servindo como auxílio para uma produção feita pela própria comunidade. Ao fazer isso o projeto filia-se ao conceito de comunicação comunitária que segundo Peruzzo, 2009, p. 56, trata de:

(...) processos de comunicação baseados em princípios públicos, tais como não ter fins lucrativos, propiciar a participação ativa da população, ter – preferencialmente - propriedade coletiva e difundir conteúdos com a finalidade de desenvolver a educação, a cultura e ampliar a cidadania.

Tal proposta assemelha-se muito também com a perspectiva freireana do trabalho do extensionista, exemplificado pelo autor quando fala:

No momento em que um assistente social, por exemplo, se reconhece como o “agente da mudança”, dificilmente perceberá esta obviedade: que, se seu empenho é realmente educativo libertador, os homens com quem trabalha não podem ser objetos de sua ação. São, ao contrário, tão agentes da mudança quanto ele. (FREIRE, 1969, p. 44)

Um jornal escolar é um veículo de comunicação muito rico e que agrega em muitos aspectos no desenvolvimento das crianças. Além disso, ele é importante também para a instituição, pois com ele a escola consegue manter toda a

comunidade informada sobre os acontecimentos escolares. O jornal é ainda uma manifestação de educomunicação, pois como citado por Soares, (2002, p. 24):

[Define-se] a Educomunicação como o conjunto das ações inerentes ao planejamento, implementação e avaliação de processos, programas e produtos destinados a criar e a fortalecer ecossistemas comunicativos em espaços educativos presenciais ou virtuais, assim como a melhorar o coeficiente comunicativo das ações educativas, incluindo as relacionadas ao uso dos recursos da informação no processo de aprendizagem.

Inicialmente, este projeto teve como objetivo principal aproximar as crianças de um jornal, para que estas transmitissem a informação e percebessem o quanto podem, também, ser comunicadoras, transgredindo a ideia de que o jornalismo está pronto e é feito por pessoas distantes das mesmas. Com a produção jornalística as crianças estão podendo colocar em prática seu papel de cidadãos, exercendo o direito à comunicação, que é segundo Peruzzo (2004) não apenas receber informação, mas sim comunicar, informar, não ser só o receptor, mas também o emissor. Consequentemente pode-se perceber que o desenvolvimento deste projeto tem ido além do esperado e tem contribuído positivamente nos processos educativos da escola, tanto no que se refere à leitura e escrita como na aproximação entre família e escola.

2. DESENVOLVIMENTO

A primeira etapa do trabalho foi a de planejamento e organização do projeto junto à tutora PET orientadora do projeto e os demais bolsistas PET, onde foi montado e decidido como seria apresentado o plano à escola. A partir disto a escola foi contatada e logo a proposta apresentada à Escola Machado de Assis, que já era parceira do PET-GAPE em outros projetos de pesquisa e extensão. Neste momento a proposta inicial e sua realização foram discutidas com a escola, que há algum tempo já tinha a vontade de ter um jornal impresso, mas não havia quem a auxiliasse nesse processo.

A escola atende crianças de idade pré-escolar (4 e 5 anos) até 12 anos, e que em sua maioria nunca havia tido contato com um jornal. Diante disto inicialmente foram traçadas algumas estratégias de ação e escolhida uma dinâmica original, para que cada grupo de criança realizasse funções que estivessem de acordo com sua faixa etária e ao mesmo tempo que todas estas participassem de alguma maneira mantendo o contato com a produção do jornal.

Na prática são realizadas oficinas semanais com as turmas. Estas são marcadas com antecedência junto à escola e professoras e acontecem no período das aulas. Durante a realização das oficinas é lançada a proposta de trabalho e são explicados conceitos básicos do jornalismo de maneira que o texto e materiais produzidos se façam entender e o jornalismo aconteça sem que seja imposta uma teorização metodológica. Cada edição do jornal é produzida com o apoio de uma turma, o que auxilia no processo de aproximação e contato de todas as crianças da escola com a produção do jornal. O contato e discussão com a diretora e a coordenadora pedagógica da escola também é frequente, semanalmente acontecem reuniões por onde são dadas sugestões de pauta, informações pertinentes que a escola quer divulgar e onde é prestado auxílio na escolha das atividades para cada faixa etária e turma.

Durante as oficinas as crianças alfabetizadas constroem o jornal da forma que melhor as expresse e produzem os títulos das matérias em formato de Fanzine, uma prática que segundo Nascimento (2010, p. 123):

[...] tem margeado a escola e, mesmo sendo de baixo custo, não o incluímos na sala de aula como um recurso pedagógico que possibilita o exercício da cidadania, da criatividade e da criticidade, além de ampliar o olhar ante as imagens que nos são postas.

Com esta atividade é despertado não só o lado comunicacional, mas também o lado artístico e educativo, integrando as crianças com as diferentes áreas e potencializando seu poder como sujeitos pensantes capazes de intervir em seu meio (NASCIMENTO, 2010, p. 125).

Os estudantes também escrevem leads para as publicações, fazem ilustrações para as matérias e dão sugestões de pauta. Aquelas crianças que ainda não dominam a leitura e a escrita produzem o jornal utilizando atividades adequadas à sua faixa etária, como identificação das letras para manchetes e título do jornal e recorte e colagem das letras. Depois de produzido, o material feito pelas crianças é escaneado e os textos são corrigidos ortograficamente (quando necessário) em sala de aula. O conteúdo é passado para o projeto gráfico do jornal, que será posteriormente impresso. O jornal é impresso na sala do PET-GAPE, pela bolsista de jornalismo em folha A4, papel reciclado de gramatura 75 g e posteriormente dobrada ao meio, totalizando quatro páginas de tamanho A5. A impressão é jato de tinta em preto e branco.

3. RESULTADOS

Como a escola realiza parceria e está vinculada aos projetos do PET GAPE o contato foi feito de maneira tranquila, e como o projeto já era de interesse e vontade da escola, foi muito bem recebido por toda a comunidade escolar que tem se mostrado engajada na construção do jornal.

Sabe-se que o envolvimento e o reconhecimento do Jornal como parte da escola e pela comunidade não é repentino e é fruto de uma dinâmica de convivência e aceitação, principalmente por parte dos educandos, que nunca haviam tido contato com a produção de um jornal. O fato de haver crianças, professores, funcionários e pais como principais personagens e atuantes do projeto tem contribuído de forma positiva e significativa nesse processo.

Mesmo que não seja um processo instantâneo, como supracitado, já é notável um reconhecimento do Jornal principalmente pelas crianças, que se mostram interessadas e animadas com as oficinas e já passam a identificar e a esperar a chegada do material desenvolvido. O jornal se tornou parte da rotina escolar.

O desenvolvimento deste projeto propiciou um intenso envolvimento da bolsista com a escola, o que tem contribuído significativamente para sua formação, uma vez que este tem sido um laboratório bastante rico para qualificar sua formação curricular e profissional. Esta pode aprender tanto com a convivência no ambiente escolar como na aplicação dos conceitos e conhecimentos de sua área de formação. Assim, ao longo da produção do Jornal, pode aperfeiçoá-lo a cada edição, analisá-lo em conjunto com a coordenação pedagógica e a escola em geral, desta forma avaliando os limites e as possibilidades do projeto, bem como apontando melhorias no seu desenvolvimento.

Percebe-se que agora as crianças já tem um maior conhecimento de como funciona um jornal, de como este é produzido e das partes mais importantes que constam em um veículo deste tipo, pois estão tendo um grande contato em sua produção e com outros tipos de jornais utilizados na produção das Fanzines e dos

conteúdos destes. As crianças também criaram o hábito de ler as notícias do jornal da escola e já identificam um texto jornalístico ou informativo.

Nota-se que as atividades decorrentes deste projeto têm demonstrado avanços na percepção das crianças no que se refere: ao quanto já se percebem como comunicadores; o quanto podem e devem se expressar; o quanto passaram a ser mais conscientes de seus direitos e deveres como cidadãs, pois sentindo-se mais livres para opinar nas pautas e textos do jornal expressam isso claramente.

As matérias publicadas no jornal estão sendo usadas em sala de aula pelas professoras, onde até mesmo as turmas e as crianças não alfabetizadas já identificam as letras no jornal quando o recebem e analisam as imagens, enquanto a professora faz a leitura deste para a turma. Por sua vez as turmas alfabetizadas leem as matérias, as comentam e discutem em sala de aula. Sendo assim podemos perceber o quanto este está presente e integrado às atividades curriculares na escola.

4. AVALIAÇÃO

A convivência com as oficinas e leitura do jornal depois de pronto gerou um conhecimento novo para as crianças, que agora já se sentem e estão mais próximas de um jornal, quebrando a barreira que normalmente existe entre as crianças e este tipo de veículo.

Outro aspecto que destacamos se refere à noção de trabalho em equipe posta em prática nas oficinas, pois esta também auxiliou na relação entre as crianças e no que se refere à vida em comunidade, questão importante em todas as fases da vida. Os diferentes conteúdos tratados no jornal, assim como as diferentes áreas utilizadas durante as oficinas integram áreas que antes eram vistas como isoladas (comunicação, escrita e arte).

Ao ver o jornal sendo produzido, percebe-se que cada edição pronta traz às crianças e à sua comunidade um sentimento de pertencimento, o qual estava sendo buscado desde o início do projeto. Os frutos da comunicação comunitária estão sendo colhidos pelos próprios sujeitos da escola, que desde cedo já estão experimentando a comunicação e a posição de comunicadores.

5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- PERUZZO, CMK. **Conceitos de comunicação popular, alternativa e comunitária revisitados e as reelaborações no setor**. 2009. Acessado em 01 out. 2017. Disponível em: https://revistas.ufrj.br/index.php/eco_pos/article/download/947/887.
- Peruzzo, Cicília M.K. **Direito à comunicação comunitária, participação popular e cidadania**. In: Oliveira, Maria José da C. (Org.). Comunicação pública. Campinas: Alínea, 2004b. p. 49-79.
- FREIRE, P. **Extensão ou comunicação?**: 13º ed. São Paulo: Paz e Terra, 2006.
- NASCIMENTO, Ioneide Santos do. Da marginalidade à sala de aula: o fanzine como artefato cultural, educativo e pedagógico. In: Muniz, C. (Org). **Fanzines: autoria, subjetividade e invenção de si**. Fortaleza: edições UFC, p. 121-133, 2010.
- SOARES, IOS. **Gestão comunicativa e educação: caminhos da educomunicação**. 2002. Acessado em 03 out. 2017. Disponível em: <http://www.revistas.usp.br/comueduc/article/view/37012>.